



## O CONTO AFRO-BRASILEIRO DE AUTORIA FEMININA NO SÉCULO XXI

LETICIA GABRIELE DREY<sup>1,2</sup>, DEMÉTRIO ALVES PAZ<sup>3</sup>

### 1 Introdução

A década de 1990 dá início a terceira onda feminista, uma reformulação do movimento que o transformou em um círculo plural, promovendo a tomada do local de fala, e da autorrepresentação. Mulheres, ontem coisificadas pelo sistema patriarcal e racista, puderam expor as desigualdades existentes até mesmo entre a própria classe, visto que como expõe Judith Butler: “Se alguém é uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é”(BUTLER, 2003, p.33). Ou seja, a categoria conta com inúmeras distinções raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais, que por meio dos discursos e das construções históricas, são ou não aceitas na sociedade.

Essa virada feminista se fez presente também dentro do âmbito literário, com mulheres negras escritoras de textos ficcionais e teóricos, que puseram em pauta as inquietações e as realidades que se fazem sentir na pele negra feminina. Ainda que, com muitas dificuldades de publicação, essas mulheres se apropriaram do local de fala que lhes pertencia e desde então, traçam suas linhas apresentando as problemáticas próprias e do coletivo, no que diz respeito a questões raciais e de gênero. Deste modo, escrevem as vivências já decorridas que firmaram as desigualdades do presente, mostrando ao leitor uma possibilidade de relacioná-las.

O século XXI é marcado por um grande aumento das publicações de escritoras negras. Esses textos apresentam personagens e histórias em que a cor da pele é carregada de luta, mas principalmente de orgulho e de amor-próprio. Deste modo, investigamos três escritoras, surgidas a partir da década de 80, mas que só conseguiram publicar seus textos em prosa a partir dos anos 2000: Cristiane Sobral, Lia Vieira e Miriam Alves. analisamos três histórias de um livro de contos de cada autora, respectivamente, “O tapete voador” (2016), “Só as mulheres sangram” (2017) e “Mulher Mat(r)iz” (2011).

1 Leticia Gabriele Drey é Graduanda em Letras – Português e Espanhol na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Cerro Largo – RS. [leti\\_drey@hotmail.com](mailto:leti_drey@hotmail.com).

2 Grupo de Pesquisa: “O conto afro-brasileiro de autoria feminina no século XXI”

3 Demétrio Alves Paz é Doutor em Letras (PUCRS), professor Associado de teoria literária e literaturas de língua portuguesa na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *campus* Cerro Largo – RS [demetrio.paz@uffs.edu.br](mailto:demetrio.paz@uffs.edu.br), orientador.



Cristiane Sobral constrói personagens que lutam pela aceitação da identidade da mulher negra e o seu empoderamento perante uma sociedade fundada no branqueamento da pele preta, no alisamento do cabelo crespo, e na compreensão de que a figura da mulher negra é sempre relacionada a empregada doméstica ou mãe de leite, sem que os horizontes das oportunidades desses indivíduos pudessem se expandir. Miriam Alves é dona de uma escrita forte e prioriza uma noção nua e crua do que perpassa as experiências de cada mulher. Por esse motivo, trata muito das relações e dos percalços que aparecem no decorrer da vida desses indivíduos. Quando falamos de relações, nos referimos não só as amorosas, de amizade, ou familiar, mas também as relações das personagens com a sociedade, com a cultura e com os encargos que ambas, muitas vezes, acabam por impor. Eliana Vieira, nos meios literários, Lia Vieira, inscreve muitas mulheres: a que está encarcerada, a escritora, a quilombola, a líder comunitária. Suas afetividades e suas relações. Além disso, expõe muito da condição do Negro na sociedade, dando liberdade para que o leitor se perceba na entrelinhas.

## 2 Objetivos

Através da pesquisa, quisemos identificar quem são as autoras e o que produziram, para então, analisar a sua produção contística dentro da literatura afro-brasileira e perceber as distintas representações que a mulher adquire nos textos literários. Desse modo, percebemos a importância da tomada do local de fala e qual o espaço que essas escritoras ocupam no sistema literário brasileiro, atualmente.

## 3 Metodologia

A metodologia utilizada conta com pesquisa bibliográfica em fontes primárias: os textos literários das escritoras (pelo menos uma obra de cada autora) e estudos sobre as autoras em revistas acadêmicas, anais de congressos e obras coletivas ou individuais de estudos sobre a literatura afro-brasileira. Dentre os textos e os autores que utilizamos estão “BrasilAfro autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea” (ALVES, 2010), “Vozes em dissonância: mulheres, memória e nação” (BEZERRA, 2007), “Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade” (BUTLER, 2003), “Literatura Afro-Brasileira: um conceito em construção” (DUARTE, 2008), “Negritude: Usos e sentidos” (MUNANGA, 2009), “Cadernos Negros (contos): fortalecendo negras raízes?” (OLIVEIRA, 2014), “A escrita insubmissa das mulheres negras” (RISO, 2015).



#### 4 Resultados e Discussão

No primeiro conto da coletânea de Cristiane Sobral, também intitulado “O tapete voador”, percebemos a intenção da escritora em defender a identidade das mulheres negras. A personagem Bárbara, mulher negra, funcionária de uma grande empresa multinacional, é chamada para uma entrevista com o presidente da empresa e é surpreendida, pois jamais suspeitava que ele poderia ser negro. Bárbara ficou muito feliz com a descoberta, mas logo tudo foi desmascarado, pois notou que aquele homem renunciou à sua identidade passando por um completo processo de embranquecimento e tentaria exercer o mesmo efeito sobre ela. O homem se apresenta perante Bárbara negando totalmente os traços que lhe fazem negro. À vista disso, Munanga (1999, p.94) escreve que “A política e ideologia do branqueamento exerceram uma pressão muito forte sobre os africanos e seus descendentes. Foram, pela coação, forçados a alienar sua identidade, transformando-se, cultural e fisicamente em brancos”. A distorcida visão de que tudo que é branco e europeu é melhor do que o resto ainda persiste e faz com que algumas pessoas neguem a si mesmo. É evidente que tal perspectiva não surgiu sozinha, e está fundada em ideias primitivas disseminadas no coletivo. Tanto que uma das falas do presidente é “Para que insistir em ser negra em um país racista?” (SOBRAL, 2016, p.10). No que diz respeito a personagem Bárbara, notamos a sua total assimilação da identidade própria e de seu povo, quando ela não aceita as investidas do chefe para que se transforme em um sujeito embranquecido, que ela não é e jamais poderia ser.

No que se refere às personagens de *Mulher Mat(r)iz*, a escritora revela relações íntimas de amor, paixão, traição e reconciliação. São os sentimentos, alguns deles sobrevivendo de forma velada, que constituem a poética de Miriam Alves na história vivida em “Os olhos verdes de Esmeralda”. A autora aborda o amor entre duas mulheres, Julita (Esmeralda) e Marina, iniciado nos tempos de estudante e continuado após as duas terem se graduado e começado a trabalhar. Mesmo vivendo juntas por muito tempo, as duas sempre esconderam o namoro de suas famílias por conta do preconceito que ocorre até mesmo dentro do espaço familiar. A homofobia e o racismo aparecem neste conto de maneira violenta e chocante. Ao serem abordadas em uma blitz por três policiais, que percebem a relação afetiva que há entre elas, sofrem violência sexual como forma de punição, validada no senso comum de que mulher lésbica não aprendeu a gostar de homem e, por isso, precisa ser violentada para vir a gostar.



No conto “Por que Nicinha não veio?” presente no livro *Só as Mulheres Sangram*, da escritora Lia Vieira, temos a história de uma presidiária que recebia constantemente a visita da mãe, Nicinha, sendo muito ligada a ela afetivamente. Esse laço que tinham era tudo que mantinha sua esperança viva, e dava forças para suportar o cárcere e a solidão que ele causa. Certo dia, Nicinha não foi visitar a filha, e a preocupação já lhe toma conta. Logo é informada de uma triste notícia, sua mãe havia sido atropelada no caminho até a prisão, e não sobreviveu. O laço se rompeu, e as esperanças acompanharam. Notamos que Lia Vieira emaranha condições e sentimentos, mostrando não só a problemática social do encarceramento, como também a solidão e a desesperança que essa vida acaba por causar.

## 5 Conclusão

Percebemos na escrita das três escritoras um compromisso com as raízes afro-brasileiras que constituem a apropriação de traços culturais e biológicos. Além disso, prezam muito pelas vivências afetivas que permeiam suas personagens. Desse modo, desenvolvem uma identificação com a identidade de mulher negra, e rompem barreiras que o racismo insiste em perpetuar em meio a sociedade. Os três contos analisados, apesar de apresentarem histórias de vida de pessoas distintas, compartilham de uma mesma essência: a sobrevivência e a luta contra os padrões racistas que impõem o que é belo, nobre e importante no cotidiano e nas esferas profissionais pessoais.

## Referências

- ALVES, Miriam. **Mulher Mat(r)iz**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da Identidade**. Tradução Renato Aguiar. - Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003., p.965-986.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e sentidos**. Autêntica. Coleção Cultura Negra e Identidades. Belo Horizonte, 2009. 3º edição.
- SOBRAL, Cristiane. **O Tapete Voador**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- VIEIRA, Lia. **Só As Mulheres Sangram**. Nandyala, 2017.

**Palavras-chave:** Autoria Feminina; Feminismo; Identidade; Literatura Afro-Brasileira; Racismo.

## Financiamento

FAPERGS.